

LUIS SACILOTTO

Nasce em Santo André, no ABC Paulista, em 1924, filho de imigrantes italianos.

Formou-se no Instituto Profissional Masculino, no Brás, onde estudou técnicas diversas relacionadas às artes e ofícios, como desenho e pintura.

Seu primeiro emprego, com 17 anos, foi como desenhista de letras de alta precisão, na Hollerith do Brasil, hoje I.B.M. . Durante muito tempo atuou como desenhista técnico, trabalhou em escritórios de arquitetura e projetou esquadrias de alumínio para produção em série.

Desenhava nas horas vagas, e seu aprendizado veio principalmente pelo seu profundo interesse em artes plásticas e pelas conversas com os amigos, também artistas. No início, seus trabalhos são figurativos (Paisagens e retratos de tendência expressionista, mas a partir de 1947 realiza suas primeiras experiências no domínio da abstração geométrica, sendo um dos pioneiros da arte concreta no País. A produção era pequena, como a dos outros colegas, pois a maioria não vivia de arte. Eram designers gráficos, paisagistas, publicitários, poetas e médicos, desenhistas têxteis, e, não havendo mercado de arte, formavam um grupo muito unido, presenteavam-se e trocavam seus trabalhos.

Participa de exposições em São Paulo e no Rio de Janeiro e em 1951, com apenas 27 anos, participa da I Bienal Internacional de São Paulo, e estará presente na II, III, IV, VI, VII Bienais Internacionais de São Paulo.

Em 1952 participa da XXVI Bienal de Veneza e em dezembro é um dos signatários do Manifesto do Grupo Ruptura, em São Paulo, e expõe com eles no MAM, SP.

Em 1956 participa da I Exposição Nacional de Arte Concreta em São Paulo e no ano seguinte no Rio de Janeiro.

Em 1960 está presente na Exposição Internacional de Arte Concreta, organizada por Max Bill em Zurique, na Suíça, que projeta nossos artistas internacionalmente. É homenageado em 1968 com Sala Especial no I Salão de Arte Contemporânea de Santo André. Interrompe temporariamente seu trabalho criativo, e dedica-se à sua própria empresa de esquadrias metálicas. Recomeça com alguns estudos em guache e experimenta na década de 70 novas linguagens, como a serigrafia que aqui expomos. A serigrafia é técnica plana em gravura, utilizada na indústria e feita com tinta gráfica, como silk em camisetas.

Como figura central do Concretismo continuou a participar de exposições nacionais e internacionais, ganhar prêmios, retrospectivas e ter suas obras nos principais museus e coleções particulares.

Sacilotto pintor, desenhista e "precursor da escultura de vanguarda". Desde a década de 50 ele conquista e pensa o espaço tridimensional a partir de desdobramentos do plano, revela a complexidade do simples. Usa materiais industriais, como chapas de alumínio, de latão, de ferro, que ele corta e dobra, em constantes variações. Sua obra reflete seu pensamento claro e ordenado.

No texto de apresentação de sua última individual, Frederico Moraes, surpreendia-se como ainda não tínhamos esculturas públicas e murais realizados por Sacilotto. Agora já temos!

No ano passado, a rua Oliveira Lima, principal via pública comercial de Santo André foi calçada com lajotas que reproduzem suas obras. No mesmo local, lá está uma escultura, desdobramento de um quadrado feito em chapa de aço carbono de 4m.

A outra escultura, localizada na praça 4º Centenário, Santo André, é um desdobramento de um enorme círculo, em chapa de aço carbono, com 8 metros de diâmetro e pesa 12 toneladas.

Sacilotto permanece fiel às idéias do concretismo, mas aberto às inovações. Quando perguntamos o que ele achava deste trabalho, que estaríamos produzindo relevos e criando jogos inspirados em seus trabalhos, ele respondeu: "Isto não fere a obra do artista, muito pelo contrário, vai acrescentar que alguém mais conheça minha produção. Não há impedimento nenhum. Não há duas pessoas que enxerguem a mesma coisa da mesma maneira. Para mim, vale tudo, não no sentido pejorativo, mas no sentido que continuo a defender os princípios da Arte Concreta, com infinitas possibilidades.

FICHA TÉCNICA

Projeto Arte na Universidade

Coordenação Geral
Márcia Molina Fonseca

Exposição
Sacilotto – Obra Gravada Completa

Coordenação e Curadoria
Elisabeth Leone

Textos
Elisabeth Leone

Execução dos relevos
Alfonso Ballestero

Execução de jogos
Daniel Romero

Monitoria
Renata Martins
Stella Silva
Rose
Cristina

Colaboração do MAC-USP

Assessoria de Imprensa
Silvana Ribeiro

Catálogo em Braille
Fundação Dorina Nowill

APRESENTAÇÃO

O Espaço de Artes Unicid organiza mostras temporárias desde 1999. Aos poucos, percebeu que dentro da própria instituição, havia alunos e funcionários com algum tipo de deficiência, que não podiam estar

usufruindo deste contato com a arte. Já existe dentro da Universidade o Centro de Apoio ao Deficiente, o CAAD, mas o Espaço precisava adequar suas exposições para todo o tipo de público.

Preocupado em não ser apenas mais um Espaço Cultural e visando ampliar atuações em prol da inclusão do público visitante, implanta, pela primeira vez, com Sacilotto, uma exposição acessível tanto ao olhar como também ao tocar, seguindo as propostas desenvolvidas pelo Projeto "Museu e Público Especial", do Museu de Arte Contemporânea da USP.

Sacilotto, um dos introdutores da arte abstrato-geométrica no Brasil, expõe aqui sua série completa de gravuras, 34 serigrafias, uma litogravura, e duas maquetes de suas recentes esculturas públicas, em Santo André, que poderão ser tocadas.

Das gravuras, foram selecionadas doze imagens, e com o estímulo do próprio artista, elas foram produzidas em relevo, pelo também artista plástico e arte-educador, Alfonso Ballesterro, que se inspirou nas obras originais, para enfatizar a questão formal do autor.

Além das visitas orientadas e deste catálogo, faz parte do projeto a oficina "Uma aventura com Sacilotto", onde foram desenvolvidos jogos, que são desdobramentos da obra do artista, cujo objetivo é ao mesmo tempo despertar o interesse para o conhecimento da História da Arte, no caso o Concretismo, e estimular artisticamente os participantes.

Aproveito aqui para agradecer a todos que se exercitaram na matemática aplicada de Sacilotto, dividiram seus conhecimentos para multiplicarem resultados. Ao Sacilotto, que concordou em embarcar conosco, nesta "aventura", como ele mesmo afirmou; à confiança de Márcia Molina Fonseca, coordenadora do Espaço de Artes Unid; à orientação de Amanda Tojal, coordenadora do Projeto Museu e Público Especial do MAC-USP; à avaliação de Sidney Eiji Hirayama, professor do Curso de Introdução à Informática para Deficientes Visuais, ao apoio do CAAD.

Misabeth Leone
Coordenadora do Projeto
Curadora da Exposição

ESPAÇO DE ARTES

UNIVERSIDADE CIDADE

DE

SÃO PAULO

EXPOSIÇÃO : SACILOTTO

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	3
ARTE FIGURATIVA, ARTE ABSTRATA, ARTE CONCRETA.....	4
ARTE CONCRETA NO BRASIL	6
SACILOTTO (VIDA E OBRA)	8
OBRAS	10

ARTE FIGURATIVA – ARTE ABSTRATA – ARTE CONCRETA

“A arte é apenas um substituto enquanto a beleza da vida for deficiente. Desaparecerá proporcionalmente, à medida que a vida adquirir equilíbrio”
Piet Mondrian

Em épocas passadas, quando o homem vivia em contato com a natureza, e quando ele mesmo era mais natural que hoje, exprimia seu pensamento com traços, combinações repetitivas e desenhos geométricos, que para ele simbolizavam algo.

Em geral, assim foi no início das civilizações, como podemos comprovar se observarmos os desenhos na arte cerâmica e nos outros utensílios de nossos índios.

Gradativamente, o homem foi desenvolvendo o interesse por representar o mundo visível, imitar a natureza, e durante séculos este sistema foi sendo aperfeiçoado e adotado, principalmente na Arte Ocidental. Esculturas, pinturas, gravuras, etc, deviam ser imagens da realidade.

Entretanto, por uma série de razões históricas e estéticas, alguns artistas europeus no início do século XX, procuraram romper com todo um passado de arte figurativa, propondo uma nova maneira de representação.

Para melhor entendimento da arte abstrata, há duas tendências principais: uma mais lírica, subjetiva e espiritual; outra mais intelectual, da regra, da geometria, embora as duas tenham em comum uma raiz idealista e mística.

Da primeira, é preciso lembrar do pintor russo Wassili Kandinsky (1886-1944), que já em 1910 fazia aquarelas abstratas. Para ele, toda forma tem um conteúdo nela mesma, o artista se serve das formas como teclas de um piano, ao tocá-las “põe em vibração a alma humana”. Um quadro pode emocionar como a música, apenas pelas linhas, formas e cores, mas com autonomia do mundo visível, proporcionando liberdade de interpretação e estímulo para a imaginação.

Da outra tendência, cujas idéias inspiraram-se na perfeição das leis científicas e matemáticas, podemos citar o artista, também russo, Malevitch (1878-1935), que em 1913 declara que “ para libertar a arte do peso da objetividade, me refugiei na forma do quadrado e expus um quadro que não representava outra coisa a não ser um quadrado negro sobre um fundo branco, os críticos e o público se queixaram”.

O expoente mais seguro do abstracionismo geométrico é Piet Mondrian, holandês, (1872-1944), que propõe “ a mais pura representação do Universo”, restringindo-se a linhas verticais e horizontais, limitando as cores para as primárias (azul, vermelho e amarelo) e não cores como o branco e o preto.

Por volta de 1930, com o desenvolvimento do abstracionismo, a palavra “arte abstrata” era imprópria, não abrangia representações tão diversas.

Assim, neste ano, o artista holandês Theo Van Doesburg, declara que: “ Pintura concreta e não abstrata, pois nada é mais concreto, mais real, que uma linha, uma cor, uma superfície... Uma mulher, uma árvore, uma vaca, são concretos no estado natural, mas no estado de pintura são abstratos, ilusórios, vagos, especulativos, ao passo que um plano é um plano, uma linha é uma linha, nem mais nem menos”.

O movimento concretista encontra antecedentes imediatos nos holandeses, como Mondrian e Theo Van Doesburg, que rejeitam a subjetividade e criam um idioma plástico Universal; no movimento russo, o construtivismo, que além de uma arte visual e abstrata, propõe uma arte integrada à ciência, à técnica, transformação social; e ao Bauhaus (Alemanha 1919-1933), Escola Superior de Criação Industrial) que leva a arte para o *design*.

Seguidor das idéias de Theo Van Doesburg, Max Bill, nascido na Suíça, em 1908, dá continuidade ao Concretismo a partir de 1936. Sediado na Suíça, o movimento espalha-se pela América Latina, Argentina, e posteriormente, Brasil e Alemanha.

Em 1950, o MAC (Museu de Arte Contemporânea) organiza uma exposição do conjunto de obras de Max Bill, arquitetura, escultura e pintura, que foi fundamental para o conhecimento da arte concreta no Brasil.

ARTE CONCRETA NO BRASIL

Kenneth Clark afirma que nos momentos de desenvolvimento de uma civilização é preciso alguma prosperidade material, mas acima de tudo confiança, confiança na sociedade em que se vive, crença em sua filosofia e na própria capacidade mental de cada um.

A época da penetração e desenvolvimento da arte abstrato-geométrica, em nosso país coincide com a euforia de desenvolvimento do pós-2ª Guerra Mundial, com a implantação de indústrias nacionais como a automobilística, a criação da Petrobrás, siderúrgicas, o crescimento das cidades e novos meios de comunicação, como a televisão.

Importante lembrar, que no mesmo período, houve a criação do Museu de Arte de São Paulo (MASP), em 1947 e do Museu de Arte Moderna (MAM), em 1948, que se empenharam em formar acervos e promover exposições.

Fundamental citar também a criação da I Bienal Internacional de São Paulo, em 1951, que divulga artistas nacionais e internacionais, proporcionando contato com as diversas tendências internacionais. Na mesma data, já se esboça o movimento concreto, em São Paulo e no Rio de Janeiro.

O marco histórico de arte concreta no Brasil é o Grupo Ruptura, paulista, que apresenta um manifesto em 1952, Manifesto Ruptura, lançado na exposição do MAM de São Paulo, e assinado por: Waldemar Cordeiro, artista e porta-voz do grupo, Sacilotto, Lothar Charoux, Anatol Wladyslaw, Kazmer Féjer, Leopold Haar e Geraldo de Barros. Este grupo queria “criar formas novas de princípios novos”, e baseavam-se numa teoria rigorosa.

Em 1956 é realizada no MAM, São Paulo, a I Exposição Nacional de Arte Concreta, ocasião que é lançado o Manifesto da Poesia Concreta (intenção de conceber o poema como um todo matematicamente planejado).

Neste momento as divergências entre os grupos concretistas do Rio, Grupo Frente, e o de S.P., após esta exposição, vêm à tona. Os artistas do Rio de Janeiro, sem abrir mão do vocabulário abstrato, querem liberdade de criação, sem o rigor dos paulistas.

É o Neoconcretismo, cujo manifesto aparece no catálogo da I Expo Neoconcreta (1959) com trabalhos de Amilcar de Castro, Ferreira Gullar, Frank Weisseemann, Lygia Clark, Lygia Pape, Reinaldo Jardim e Théon Spanudis.

Os elementos principais do concretismo são:

- aspiração de uma linguagem de comunicação universal, com autonomia da arte com o mundo exterior.
- integração do trabalho de arte na produção industrial, crença na tecnologia;
- função social, informação a todos, aplicação em todas as áreas de comunicação visual, ao artista cabe contribuir de modo abrangente para a socialização da boa forma, no design, na tipografia, etc...
- utiliza tanto no suporte como na matéria prima, materiais industrializados, produzidos em série, como duratex, ferro, alumínio, tinta esmalte, etc...
- baseiam-se no rigos geométricos, na matemática, que estrutura ritmos e relações.
- eliminam o gesto, o sinal da mão.

O concretismo conhece seu período mais ativo nos anos 50, atingindo seu apogeu na segunda metade da década de 60. Como afirmou Frederico Moraes, no texto do catálogo da última individual de Sacilotto, em 1995, o concretismo é um movimento cuja influência (incluída aí a dissidência neoconcreta) foi muito além do campo plástico e da poesia. Da gráfica à publicidade, do design à arquitetura, do paisagismo ao urbanismo, da música popular à dança, todos estes segmentos foram beneficiados pela ação concretista.

Instituto de arte contemporânea